

## **“Very typical” - Tiago Casanova**

22 Setembro / 12 Novembro 2016

Galeria das Salgadeiras

“Na Natureza nada se cria, nada se perde. Tudo se transforma”, assim proclamava Lavoisier no século XVIII. Vivemos com este ensinamento desde então, na esperança, vã não seja ela, que essa transformação contribua para uma melhoria na vida do Homem e da Humanidade. Assim tem sido e em boa hora, em muitos domínios e não se pretende trazer para este momento maus auspícios. Que das cidades também não venha qual Cassandra dos nossos tempos, augurando o fim deste conceito onde organicamente co-existem pessoas e serviços que servem quem lá vive, trabalha, visita. De tudo isto, depende, e muito, a estratégia política e também a força da cidadania. É neste sentido que os artistas e a arte, na sua abordagem mais etnográfica, podem contribuir para uma reflexão sobre a contemporaneidade e os problemas que ao Homem se colocam.

“Very typical” de Tiago Casanova enquadra-se nas suas preocupações com a identidade do território, a memória colectiva de um lugar, o carácter simbólico das “coisas”. É, na realidade, e com o que de “real” a arte, mesmo a fotográfica, consegue exprimir, uma alegoria de uma Lisboa que, por razões endémicas, políticas, sociais e, quiçá sobretudo, económicas, se foi metamorfoseando, com uma tradição de tão massificada que esvaziou o seu próprio sentido. Em particular, Tiago Casanova traz-nos, em instantes decisivos de poesia, essa relação entre quem habita e quem visita, uma relação não raras vezes paradoxal mas que, porém, assim não tem que ser.

Explorando os “territórios expandidos” da Fotografia, este projecto contempla formalmente fotografia, instalação e performance, com diversas intervenções na cidade durante a exposição no âmbito do projecto “Gang do Cobre” de sua autoria. “Very typical” é, pois, o reflexo de uma atitude crítica, de cariz irónico, sendo um acto de revolta a tentar sugerir alguma ordem poética no caos, para que Lisboa continue a ser nossa, de e para todos.

Ana Matos  
Lisboa, Setembro de 2016



## **“Very typical” - Tiago Casanova**

22 September / 12 November 2016

Galeria das Salgadeiras

“In Nature, nothing is lost. Everything is transformed”, proclaimed Lavoisier in the 18th century. We have been living with this teaching ever since, in the hope – hopefully not vain – that such transformation contributes to an improvement for Man and Mankind. This has happened in many areas and we certainly do not wish to attract bad auspices. That such transformation does not come from the cities, like a Cassandra of our times, auguring the end of this concept where people coexist organically with the services provided to those who live and work in those cities or visit them. All of this significantly conditions the political strategy and the strength of citizenship. It is to that end that artists and art, in its more ethnographic approach, can contribute to a reflection on contemporaneity and the problems now faced by Humanity.

“Very typical”, by Tiago Casanova, reflects his concerns with the identity of the territory, the collective memory of a place, the symbolic nature of “things”. It is, in reality, and with what art – even photography – can express of what is real, an allegory of a Lisbon that for endemic, political, social and, perhaps, mostly economic reasons gradually metamorphosed itself, with tradition voided of meaning by massification. In particular, Tiago Casanova brings us, in decisive moments of poetry, the relationship between those who live in the city and those who visit it, a relationship often paradoxical but that does not have to be so.

By exploring the “expanded territories” of Photography, this project comprises photography, installation art and performance art, with multiple interventions taking place in the city during the period of the exhibition, in the scope of the “Gang do Cobre” project, also created by Tiago Casanova. “Very typical” is, therefore, the reflection of a critical attitude, ironic in nature, an act of rebellion that attempts to suggest some poetic order among the chaos, so that Lisbon continues to be ours, of everyone and for everyone.

Ana Matos  
Lisboa, September 2016